

O INTERCULTURAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LINGUAS: ALGUMAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS.¹

Véra Lácia Teixeira Carneiro

Resumo: Fundamentada no conceito de alteridade, a abordagem intercultural amplia os horizontes da sala de língua estrangeira ou não, uma vez que o trabalho pedagógico efetuado a partir da diversidade e da relatividade dos documentos autênticos inscritos no tempo e no espaço reformula o conceito de competência cultural e redefine novos objetivos para a sala de língua. Por essa via, abre-se ainda um caminho propício para o estudo interdisciplinar.

0. Introdução

O presente artigo visa abordar o papel do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras na escola de 1º e 2º graus, seu caráter interdisciplinar e suas dimensões culturais.

Aprender uma segunda língua significa ampliar horizontes, entrar em contato com novos valores sociais, contribuir para uma visão mais pluralista acerca do mundo e dos homens. Somente ao romper nosso casulo cultural e nos depararmos com outras concepções de vida, outros costumes, outras práticas sociais, caminhamos em direção à plenitude, libertos de posturas restritas e unilaterais.

A aprendizagem de uma língua estrangeira ou não é um passo para quebrarmos as amarras com que nos ligamos ao nosso cotidiano, às nossas raízes, na busca de novas verdades, de novos conceitos, que somados aos nossos nos ajudarão a esboçar nossa identidade como seres humanos. Dessa forma, o confronto entre culturas, a descoberta de realidades estranhas à nossa nos fazem reavaliar nossa bagagem histórica, nossa ideologia, nossos valores e preconceitos, e contribuem para um conhecimento mais profundo de nosso universo particular. Reconhecer a riqueza de nossa própria cultura significa, portanto, confrontá-la com a de outros povos, buscando semelhanças e

¹ Este estudo segue-se ao artigo "O Intercultural no Ensino-Aprendizagem de Línguas: uma Abordagem Teórica", publicado em *Têpese Educacionais* nº 1/2 de 1988 e reproduz, com algumas modificações, a 2ª parte do cap. 6 da Dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFPE em dezembro de 1992, sob o título: "A Abordagem Intercultural no Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras".

² Colégio de Aplicação (UFPE)

divergências, as quais contribuem para a percepção da diversidade de valores que permeiam as relações humanas.

Em suma, aprender uma língua estrangeira não é aculturar-se, não é negar a própria cultura, mas refletir-se no espelho das relações sociolingüísticas e mergulhar na pluralidade de imagens que distinguem os homens e sua história.

Mas, como transformar essa abertura ao outro e aos seus valores uma realidade vivenciada e positiva? Como fazer perceber e evoluir nossos "pré-conceitos"? E, no plano pedagógico, como tornar operacionais tais objetivos? Que instrumentos e que procedimentos adotar? Ao invés de respostas pontuais e conclusivas, levando em consideração o estágio dos trabalhos sobre esse tema, serão propostas apenas algumas reflexões e algumas linhas gerais de trabalho.

1. A Abordagem Intercultural

A perspectiva interacionista fundamenta a metodologia intercultural e redefine a diferença como uma relação dinâmica não hierarquizada entre duas entidades, dois termos que se dão mutuamente um sentido. Não se trata mais de mostrar as diferenças culturais, considerando-as como fatos, dados estatísticos, mas de relativizá-las, integrando-as numa percepção recíproca, num contexto social, histórico e político.

Ora, se até agora o ensino das culturas pôde ignorar tais postulados, é devido ao fato de que correspondia muito mais a uma vontade de descrição, de apresentação do que de compreensão. Colocando a ênfase em noções como alteridade, a abordagem intercultural se insere numa perspectiva mais ampla, ou seja, a intercompreensão dos indivíduos e dos grupos de culturas diversas.

Como a aprendizagem não está mais exclusivamente ligada a uma prática instrumental da língua (saber falar fluentemente uma língua estrangeira), ela se insere num contexto educativo mais amplo, cuja tônica está voltada para a dimensão formativa da abordagem de uma cultura estrangeira e para a globalização do conhecimento. Esta orientação, deliberadamente ativa e subjetiva, pressupõe uma elaboração, uma construção pessoal, em oposição a um ensino de tipo professoral e disciplinar. Daí a necessidade de redefinir objetivos mais adequados à realidade social e à evolução das disciplinas.

2. A Competência Cultural em Língua Estrangeira

A expressão **competência cultural** sugere, à primeira vista, que há, no campo da Pedagogia das Línguas, uma terceira competência no prolongamento

epistemológico de uma competência lingüística e comunicativa, em vez de um mero componente cultural desta última.

Na verdade, todas três se interpenetram e isto faz com que não seja possível dissociar o comunicativo e o lingüístico do aspecto sociocultural. O perigo se situaria na interpretação contrária que faria da competência cultural uma outra competência distinta e traria um ensino-aprendizagem distinto, isto é, um retorno, em alguns casos, ao Curso de Civilização.

A substituição progressiva do termo civilização por cultura, nos últimos anos, não deixa de ter importância e significa bem mais que uma mera troca de palavras. Zarate (1983) chama atenção para o fato de que a expressão ensino de civilização pode causar confusão, pois pode ser limitada à aquisição de um conteúdo sobre a cultura estrangeira, a um saber de caráter informativo e factual que o aprendiz deve armazenar, tendo que se preocupar com a precisão e a exatidão. A aprendizagem cultural, porém, diz respeito *"a um savoir-faire interpretativo que leva em conta as dificuldades inerentes da passagem de um sistema cultural para outro, a natureza diversa da competência cultural do nativo e a do estrangeiro, o impacto ideológico que pode ter, na constituição da identidade do aprendiz, o contato com elementos culturais estrangeiros"* (1983:34).

Na Pedagogia das Línguas, o conceito de competência comunicativa de Dell Hymes (1962, 1964, 1984) aparece simplificado. Como consequência, as abordagens de terceira geração concentram seu enfoque principalmente no conhecimento das regras de uso dos enunciados e na sua utilização em situações de comunicação. Não há preocupação com o reconhecimento do outro e, ademais, segundo Galisson (1980:112), *"transfere-se para o aprendiz, ou para o contexto sociocultural, ou... para o acaso a preocupação de complementar as lacunas do sistema de aprendizagem construído em torno de uma noção de competência comunicativa empobrecida"*.

Poder-se-ia crer que os metodólogos não deixaram de ter razão ao simplificar essa noção fundamental, visto que ela é, por natureza, um modelo nativo, construído através do *"infinitamente pequeno das relações sociais"* (Zarate, 1986:12-23). Contudo, parece importante, para o desenvolvimento da Pedagogia das Línguas, que a competência cultural seja realmente incluída numa competência comunicativa, tal qual a definiu Hymes, para que não se caia na tentação de desenvolver uma outra competência - *cultural* - distinta da competência comunicativa.

Com base no reconhecimento de que a competência cultural do nativo e a do estrangeiro são por natureza distintas, será ilusório fixar-se como meta de aprendizagem que a segunda encontre a primeira.

Como sugere Zarate (1986), o desenvolvimento da competência cultural em língua estrangeira deve tomar caminhos radicalmente diferentes daqueles utilizados em língua materna. *"A competência cultural em língua estrangeira não pode escapar à constituição de um saber fechado, uma soma de conhecimentos que constitui o acesso obrigatório à compreensão de um sistema cultural particular"* (Zarate, 1983:38). Mas a competência cultural não se reduz ao conhecimento das normas ou das regras que regem uma dada prática; ela busca encontrar a margem de tolerância que acompanha a sua aplicação e conhecer em que condições uma norma social pode ser contornada, transgredida ou redefinida.

A competência cultural, parte da competência comunicativa, é, pois, primeiramente uma capacidade operatória, um saber se servir de..., uma capacidade para se orientar em..., uma aptidão para prever o que pode acontecer em tal ou qual situação social, uma grade de análise social que permite orientar-se na cultura estrangeira, e a consciência para não identificá-la de maneira falaciosa ou simplesmente normativa.

3. Os Novos Objetivos

As abordagens comunicativas ampliam os horizontes do conteúdo na aula de língua estrangeira, porquanto o discurso pedagógico está baseado em quatro pontos: a língua, a cultura, a comunicação e a formação global do aprendiz.

Para Galisson (1980:13-14), *"a partir de uma conscientização apurada do mundo tal como ele pode ser percebido através de uma grade lingüística diferente [...], o indivíduo deveria estar em condições de:*

- evitar julgamentos exageradamente etnocêntricos;
- situar-se mais objetivamente em relação aos outros homens; logo,
- ampliar suas perspectivas, relativizando-as".

A aula de língua estrangeira torna-se, assim, um espaço privilegiado para uma tomada de consciência dos mecanismos de formação da identidade, pois *"a descoberta de uma cultura estrangeira não é tanto uma iniciação às características dessa nova ordem cultural, mas sobretudo uma sensibilização ao arbitrário do sistema de referência materno"* (Zarate, 1983:39).

Através da realidade dos fatos, materializada no estudo de documentos autênticos, o aprendiz tem a possibilidade de perceber certas atitudes culturalmente adquiridas, que nunca antes tinham sido analisadas nem questionadas. Novas classificações e codificações serão assimiladas, e isto, por si só, pode constituir uma conquista valiosa extraída da experiência de sala de aula.

O estudo da língua deverá provar ao aprendiz que há muitas maneiras de ver a realidade, que há inúmeras formas de fazer e expressar coisas e que as diferenças não representam necessariamente questões morais de certo ou errado...

A penetração até o nível dos valores deve suscitar polêmica e levar o aprendiz a examinar, mais objetivamente, seu próprio sistema de valores, fato que assume interesse considerável para o aluno adolescente que faz frequentemente inúmeras indagações de natureza ética e filosófica. Para Lamy e Rosseel (1983, apud Pierre Trescases, 1985:83):

Compreender significa selecionar e religar informações em função do que se sabe e do que se ignora... Na aprendizagem de uma língua, a palavra compreensão equilibra necessariamente essas duas significações: Interpretar e tomar partido... Entre interlocutores de línguas diferentes, a compreensão passa necessariamente pelo conhecimento que eles têm ou que adquirem de suas semelhanças ou de suas diferenças socioculturais.

Na perspectiva intercultural, o passo inicial para a delimitação de objetivos específicos é a identificação das representações dos aprendizes sobre a língua e a cultura estrangeiras. Como essas representações têm ampla circulação no seio do grupo social, estão na mente dos aprendizes e podem ser identificadas, sem grandes dificuldades, com a ajuda de questionários, como exemplificado no Anexo 1, elaborado para aprendizes de Francês. Uma vez identificados, esses estereótipos poderão ser trabalhados e, conseqüentemente, modificados.

A noção de objetivo adquire uma dupla função: ela é essencial para a evolução das representações dos aprendizes e também para a seleção do material pedagógico a ser apresentado em sala de aula. Enfocando a comunicação não apenas como uma transferência de informações, mas sobretudo como um processo relacional, a abordagem intercultural baseia o trabalho pedagógico na multiplicidade dos documentos autênticos. Com o auxílio destes, torna-se

possível perceber concretamente as significações culturais que se associam à dimensão lingüística.

4. A Abordagem dos Documentos Autênticos

Como a língua não pode nem deve ser isolada de seus constituintes sócio-históricos e socioculturais, pois não há, de um lado, "*Onde é o correto?*", e, do outro a Torre Eiffel, o Louvre, a Pétanque e os vinhos de Bourgogne, a articulação dessas realidades diversas constituirá um conjunto estruturado e singular.

A utilização de documentos autênticos na aula de língua possibilita a expressão dessa realidade cultural e sociolingüística multiforme. Nas línguas, como em outros domínios, o saber é primeiramente a capacidade de fazer diferenças, e esta só se atinge pelos percursos plurais do panorama sócio-histórico, sociocultural e sociolingüístico. O que caracteriza o Francês e os franceses ou o Português e os brasileiros, como as outras línguas e os outros povos, é uma certa singularidade que se constrói através das diversidades (de comportamentos, de atitudes, de palavras, de crenças etc). O francês ou o brasileiro médios não existem certamente, mas esses seres abstratos traduzem, por sua própria abstração, uma coerência, e não uma uniformidade.

Nesta perspectiva, o documento não é mais exclusivamente apreendido como um conteúdo, uma informação que o aluno deve assimilar. Em vez da transparência cultural do documento, busca-se o conjunto de alusões, de implícitos que demonstram a sua inserção num contexto cultural. Para que se evite olhar o documento como objeto absoluto, é aconselhável, por exemplo, trabalharem-se vários documentos sobre um mesmo tema e, em seguida, relacionando-os uns com os outros, incentivar o aprendiz a procurar, em cada um deles, as regras de construção, os traços enunciativos, os marcadores sociais, as alusões implícitas.

Publicidades, gravações autênticas, filmes, canções, imprensa, cardápios, impressos administrativos, fotos, anúncios etc. constituem alguns ingredientes com os quais é possível e aconselhável trabalhar; eles retratam frequentemente situações naturais e atividades de pessoas de faixas étnicas e categorias socioculturais diversas; evocam, portanto, um contexto cultural cuja organização conjuntural se procura reconstituir. É indispensável que os alunos tenham um contato direto com essas realidades, mesmo que elas se encontrem fora do seu contexto original. Acompanhar, estudar, analisar as informações de documentos autênticos é trabalhar a construção do mundo em que vivemos,

construindo um universo de significados distinto do que é oferecido como algo estático, definitivo e acabado.

O trabalho pedagógico em sala de aula com documentos autênticos diversificados oferece ao professor de línguas materna ou não, de geografia, de história etc. a possibilidade de manter os alunos em contato com o mundo que o rodeia bem como construir uma outra compreensão distinta daquela que de forma implícita ou explícita está embutida nos documentos.

Esses documentos permitem uma experiência, ativam a motivação e visam efetivamente a "interessar" os aprendizes. Mas eles não constituem toda a aprendizagem cultural. São o ponto de partida, o objeto empírico a partir do qual se constroem - de maneira não aleatória e verificável pelos aprendizes - os componentes fundamentais de uma competência cultural. São também o instrumento de avaliação da competência cultural adquirida, isto é, da capacidade de demonstrar, efetivamente, sobre um exemplo empírico palpável, as regras de funcionamento essenciais e frequentemente implícitas da cultura estrangeira.

5. A Interdisciplinaridade e o Papel do Professor

E quanto ao professor, o que se espera dele? A ele cabe, primeiramente, o cuidado de dar início à abordagem intercultural, tão cedo quanto possível. Se a representação do estrangeiro não é objeto de um trabalho específico e paciente em sala de aula, ela quase não evoluirá. As imagens estereotipadas não são sistematicamente criadas por uma soma de informações sobre a cultura estrangeira; o estereótipo diz respeito, primeiramente, aos *a priori* da cultura materna.

Ensinar a "relativizar" significa ajudar o aluno a perceber aquele aspecto convencionalizado (conceito ou conhecimento), não como uma verdade absoluta e universal, mas como algo que pode ser modificado.

O professor deveria possuir uma compreensão tanto da cultura dos aprendizes quanto uma compreensão similar da cultura transmitida na língua que ensina. Todavia, como acontece com o professor não-nativo, poderemos não estar conscientes dos fundamentos dos nossos juízos valorativos e reações, nem do significado das instituições da nossa cultura; poderemos, inclusive, endossar os mitos e racionalizações correntes na nossa sociedade. Teremos, pois, que nos dedicar a um estudo objetivo destes aspectos da nossa cultura e, principalmente, resistir a qualquer tentação de provar a superioridade de uma cultura sobre a outro.

Infelizmente, não somos muitos (nativos ou não), adequadamente preparados para esta linha de trabalho. Torna-se imprescindível, portanto, assumir com a maior seriedade possível a responsabilidade de reciclagem e de instrumentalização no campo da interpretação cultural, da compreensão intercultural e da interdisciplinaridade, pois o trabalho pedagógico baseado em documentos autênticos, dentro de uma perspectiva intercultural, contribui para modificar significativamente a relação entre a aula de línguas estrangeiras e as outras disciplinas, a concepção dos materiais pedagógicos e a formação dos professores e educandos.

Em geral, a aula de língua estrangeira se distingue das demais disciplinas por ser o lugar onde o aluno aprende a atribuir o mesmo nome ao mesmo objeto. A educação através da alteridade e o estudo do fato cultural inscrito no tempo e no espaço não se limitam ao espaço conceitual de uma disciplina específica; eles se inserem num mosaico interdisciplinar. Através do discurso, o aprendiz adquire conhecimentos sobre o fenômeno da linguagem, a aquisição das línguas e os processos de comunicação em geral; desenvolve aptidões que pode transferir e aplicar a outros contextos e a outras aprendizagens (outras línguas modernas, redação, análise do discurso, literatura, outras disciplinas tais como geografia, história etc) ou à interação com outras pessoas em língua materna ou estrangeira. A aula de língua estrangeira é um espaço voltado por excelência à interdisciplinaridade, pois ver a língua como discurso significa considerar a complexidade do ato comunicativo lingüístico, ou seja, além do nível da frase, com relações extra e paralingüísticas, envolvendo texto (oral/escrito, verbal/não-verbal) bem como as circunstâncias (quem? o quê? para quem? para quê?) de sua produção e interpretação.

A construção de uma competência interpretativa embasada por materiais diversificados ajuda a romper os diques dos compartimentos estanques em que se enclausura o conhecimento, obrigando os especialistas a olhar para além das fronteiras de sua disciplina particular. A fragmentação dos conteúdos e, conseqüentemente, do conhecimento poderá ser superada por intermédio dessa forma interdisciplinar de trabalho, e isto só tenderá a ser benéfico à aprendizagem, ajudando o educando a relacionar o conteúdo das diversas disciplinas escolares

Além de ampliar os limites da sala de aula, a abordagem intercultural conscientiza os educadores da relatividade e da "compartimentação" do seu saber e democratiza as relações entre educandos e educador. Democratizar essas relações significa aceitar o conhecimento prévio que o aluno possui e estar sensibilizado para o fato de que este não é mais agente passivo do processo ensino-aprendizagem, mas que, na relação que ele estabelece com o professor, e

vice-versa, existem inúmeras possibilidades de produção e apreensão de conhecimentos.

Neste aspecto, muitas serão as dificuldades a serem enfrentadas. A mais séria delas reside na formação de educadores, despreparados que estamos para a superação da fragmentação do conhecimento e para uma postura interdisciplinar.

6. Conclusão

A cultura é uma fôrma que nos modela a todos; ela condiciona nossa vida cotidiana a tal ponto que, às vezes, somos surpreendidos. Temos dificuldade em aceitar que um comportamento, sempre associado por nós à natureza humana, não seja absolutamente natural, mas adquirido. Assim, uma das razões possíveis para a reticência em se admitir o conceito de cultura é que ele põe em dúvida nossas crenças mais enraizadas. Princípios fundamentais, tais como o conceito de masculinidade e de feminilidade, variam, em grandes proporções, de uma cultura para outra: o que se encontra no topo da escala de valores numa cultura pode estar situado bem na base em outra.

Algo, porém, só se torna estranho ou surpreendente no momento em que tentamos entendê-lo a partir do nosso próprio quadro referencial. As coisas, em si, não são conhecidas ou desconhecidas. Apenas no processo dialético entre o que já sabemos e o que desafia esse conhecimento é que podemos adquirir novos *insights* e nos tornarmos cientes da relatividade dos nossos conceitos, valores e crenças.

Precisamos, portanto, criar situações na aula de línguas estrangeiras que nos façam ver as coisas sob uma perspectiva diferente e começar a dialogar entre culturas nas quais diferentes suposições, visões, crenças e valores são explorados, negociados e reconstruídos.

7. Referências bibliográficas

- GALISSON, Robert. **D'hier à aujourd'hui, la didactique des langues étrangères. Du structuralisme au fonctionnalisme.** Paris: CLE International, 1980.
- HYMES, Dell H. **Vers la compétence de communication.** Trad. France Mugler et al. Paris, Crédif-Hatier, 1984.
- HYMES, Dell H. "Directions in (Ethno)linguistics Theory". In: **Transcultural Studies of Cognition.** Romney, A.K. e D'Andrade, R.G. (Orgs). New York, American Anthropological Association, 1964.

- _____. "The Ethnography of Speaking". In: **Readings in the Sociology of Language**. Fishman, J. (Org). Paris, Moulton, 1962.
- TRESCASES, Pierre. "Réflexions sur le concept de compétence culturelle en didactique". **Etudes de Linguistique Appliquée** (60): 17-21. Paris, Didier Erudition, 1985.
- ZARATE, Geneviève. "Compétences culturelles, compétences linguistiques". **Les Etats Généraux des Langues**: 143. Paris, Crédif-Hatier, 1989.
- _____. **Enseigner une culture étrangère**. Paris, Hachette, 1986.
- _____. "Objectiver le rapport culture maternelle/culture étrangère". **Le Français dans le Monde** (181): 34-39. Paris, Hachette-Larousse, 1983.

TEST D'EVALUATION DE LA COMPETENCE CULTURELLE

1) Ecrivez sur deux colonnes les cinq premiers mots qui vous viennent à l'esprit quand on dit:

La France	Les Français
-	-
-	-
-	-
-	-
-	-

2) Citez quatre villes françaises, excepté Paris:

-
-
-
-

3) Parmi les Français célèbres, pouvez-vous citer trois ..

écrivains	peintres	musiciens
-	-	-
-	-	-
-	-	-

4) Quelles vedettes du cinéma et de la chanson français connaissez-vous?

cinéma

-
-
-

chanteuses ou chanteurs

-
-
-

5) Connaissez-vous quelques sportifs français?

-
-
-

6) Pouvez-vous citer trois monuments français?

-
-
-

7) Vous connaissez des spécialités gastronomiques françaises? (des plats, fromages etc.)

-
-
-

8) Pour chaque mot, essayez de trouver ce qui vous semble typiquement français:

- une voiture:
- un aliment/ un plat:
- une cigarette:
- un sport:
- une boisson:
- un vêtement:
- un parfum:

9) Encerchez les chiffres correspondant à votre opinion:

- 1 c'est très vrai
- 2 c'est assez vrai
- 3 c'est plutôt faux
- 4 c'est complètement faux
- 5 je ne sais pas

- les français pensent que leur langue est la plus belle du monde 1 2 3 4 5
- en France, il y a beaucoup de gens riches 1 2 3 4 5
- au petit déjeuner, les français prennent toujours du café
au lait et des croissants 1 2 3 4 5
- en France, tous les hommes sont bisexuels 1 2 3 4 5
- les français prennent un bain tous les soirs 1 2 3 4 5
- les français sont très sévères avec leurs enfants 1 2 3 4 5
- les français aiment beaucoup les antiquités 1 2 3 4 5
- en France, les odeurs corporelles naturel sont très fortes 1 2 3 4 5
- les français sont alcooliques 1 2 3 4 5
- les français sont de grands séducteurs 1 2 3 4 5
- les français ont peu d'animaux domestiques 1 2 3 4 5
- les français sont très intellectuels et très cultivés 1 2 3 4 5
- les français sont racistes 1 2 3 4 5
- la femme française est très libérée 1 2 3 4 5
- les français pratiquent beaucoup l'union libre 1 2 3 4 5

* Os itens 1 e 9 (modificado) são da autoria de Patrik Duhoux, estudante de mestrado à l'Université de Paris III, e foram cedidos pela Profa. Geneviève Zarate.

TESTE AVALIATIVO DE COMPETÊNCIA CULTURAL

1) Escreva nas duas colunas as cinco primeiras palavras que lhe vêm à cabeça ao ouvir:

A França	Os franceses
-	-
-	-
-	-
-	-
-	-

2) Cite quatro cidades da França, com exceção de Paris:

-
-
-
-

3) Dentre franceses célebres, você poderia citar três...

escritores	pintores	músicos
-	-	-
-	-	-
-	-	-

4) Quais artistas franceses do cinema e da música você conhece?

cinema	cantores(as)
-	-
-	-
-	-

5) Você conhece esportistas franceses?

-
-
-

6) Cite três monumentos na França:

-
-
-

7) Você conhece especialidades da gastronomia francesa? (pratos, queijos etc.)

-
-
-

8) Para cada palavra, tente encontrar algo que lhe pareça genuinamente francês:

- carro:
- alimento/prato:
- cigarro:
- esporte:
- bebida:
- roupa:
- perfume:

9) Circule os números que correspondem à sua opinião:

- 1 É muito verdadeiro
- 2 É bastante verdadeiro
- 3 É um pouco falso
- 4 É completamente falso
- 5 Não sei

- os franceses acreditam que a língua deles é a mais bonita do mundo..1 2 3 4 5
- na França, existem muitas pessoas ricas1 2 3 4 5
- no café da manhã, os franceses bebem sempre café com leite e comem *croissants*1 2 3 4 5
- na França, todos os homens são bissexuais 1 2 3 4 5
- os franceses tomam banho todas as noites 1 2 3 4 5
- os franceses são muito severos com os filhos 1 2 3 4 5
- os franceses adoram antiguidades 1 2 3 4 5
- na França, os odores corporais naturais são muito fortes 1 2 3 4 5
- os franceses são alcoólatras 1 2 3 4 5
- os franceses são grandes sedutores 1 2 3 4 5
- os franceses têm poucos animais domésticos 1 2 3 4 5
- os franceses são muito intelectuais e cultos 1 2 3 4 5
- os franceses são racistas 1 2 3 4 5
- a mulher francesa é muito liberada 1 2 3 4 5
- os franceses praticam muito a união livre 1 2 3 4 5

* Os itens 1 e 9 (modificado) são da autoria de Patrik Duhoux, estudante de maitrise à l'Université de Paris III, e foram cedidos pela Profa. Geneviève Zarate.